

## A DIMENSÃO LÚDICA DA MEDIAÇÃO DA LEITURA NA PRÉ ESCOLA

Danilo Alves Barroso<sup>1</sup>  
Dalila Ponciano dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica que partiu da curiosidade de entender a importância do processo de letramento para o público da Educação Infantil. Ele objetiva fazer uma associação entre ludicidade e a prática da leitura na pré escola, dando ênfase ao processo de mediação da leitura. Parte da concepção de Paulo Freire de “leitura do mundo”, buscando uma análise coerente com o que é preconizado pela legislação no âmbito da educação infantil, ancorando-se nos achados das DCNEI e da LDB. Após analisar o processo de mediação da leitura, chega às contribuições de Luckesi à cerca da ludicidade quanto momento de entrega total, de inteireza, e de como essa dimensão da educação deve ser levada em consideração nos processos pedagógicos. Como resultado desse desbravamento, temos a afirmação da importância da figura do(a) professor(a) como indispensável na mediação entre o universo literário e a criança, além da busca pela promoção de atividades potencialmente lúdicas, em respeito ao que de fato importa para as crianças, entendendo seu caráter formador na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Pré escola, Mediação da leitura, Ludicidade.

### 1. INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) traz como finalidade da Educação Infantil “o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, Art.29, 1996). Mais adiante, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) preconizam que todas as atividades nessa primeira fase da educação básica devem ter como base o brincar, pois é através da brincadeira que a criança melhor se expressa e apreende novos conhecimentos (BRASIL, 2009).

Porém, o que se vê costumeiramente nas escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas, é uma ênfase em atividades visando apressar o desenvolvimento intelectual da criança, deixando os outros aspectos do desenvolvimento em segundo plano. Pensando nas atividades de leitura, a escola tende a didatizar demais o momento do contato com a leitura infantil, de modo que esse passa a ser um momento maçante e puramente de cumprimento

<sup>1</sup> Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: daniloalbar@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: dalila.ponciano20@gmail.com.

sistemático. Algo que deve ser repensado e abolido.

As crianças, mesmo as bem pequenas na pré escola (4 e 5 anos de idade) que ainda não são alfabetizadas, precisam ter contato com as práticas sociais da leitura. Ao professor(a), cabe colocar-se no lugar de mediador, fazendo a ponte entre a criança e o universo de descobertas que a cultura escrita traz consigo. O contato direto com o livro físico, com os componentes presentes neste portador de texto e com as histórias contadas ajudam no processo de letramento da criança. E mais que em outras fases da vida, a criança deve ter um contato prazeroso com a leitura.

Nesse sentido, a mediação da leitura propicia à criança a possibilidade de um primeiro encontro com a literatura, de modo que pode auxiliar o seu aprendizado e a sua formação como uma futura leitora. Embora salientemos que o caráter pedagógico da alfabetização não deva jamais ser negado, trataremos de forma mais enfática da dimensão lúdica que essa atividade contém. Ou seja, para além do aprendizado, da tomada do momento da leitura como sistematização de uma prática pedagógica, nos interessa falar sobre o caráter de plenitude que a criança pode (e deve) encontrar nessa experiência.

Este trabalho objetiva fazer uma associação entre ludicidade e a prática da leitura na pré escola, dando ênfase ao processo de mediação da leitura. Para isso, parte do pressuposto de que a criança já faz leituras do mundo mesmo antes de ser alfabetizada e, através da contribuição de diferentes autores, revisando a literatura, mostra a importância de se trabalhar e mediar a leitura nesta primeira etapa da educação básica. Chega finalmente à dimensão lúdica desse processo, como algo que deve ser buscado a todo momento, entendendo seu caráter formador na Educação Infantil.

## **2. METODOLOGIA**

Partindo dessa visão de criança como ser ativo, sujeito capaz de interagir com o mundo, fomos encontrando na literatura trabalhos que dialogam com essa premissa e ampliam as possibilidades da prática de leitura na pré escola. Nos utilizamos então da pesquisa bibliográfica, traçando um caminho que parte do levantamento de obras que abordam temáticas que se relacionam a este trabalho, fazendo uma análise crítica desses achados e buscando um diálogo com o que está posto na nossa realidade e vem sendo historicamente construído. Na tessitura deste trabalho, buscamos fazer as devidas mediações no intuito de “se apreender essa realidade como uma totalidade complexa e em movimento” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 40).

### 3. A LEITURA NA PRÉ ESCOLA

Paulo Freire em “A importância do ato de ler”, em uma reflexão sobre o processo da leitura, afirmou que esse processo envolve “uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (1989, p. 9). A leitura, nesse sentido pode ser tomada como uma atividade crítica pois demanda um olhar para si, para as subjetividades do sujeito e como isso se coloca na sociedade. Ler não é apenas a decifração do que está escrito, pois as sociedades estão repletas, em todos os espaços, de símbolos que nos dizem alguma coisa. É algo que ultrapassa os limites do papel e se estende por todos os lugares, nos ajudando a situar-nos no mundo.

Ainda na obra de Freire, encontramos que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (p. 9). Por isso, é ingênua a concepção de quem acredita que somente a partir de uma sistematização onde é apresentada a linguagem escrita para uma criança é que ela começará a compreender a dinamicidade da leitura e da escrita. As crianças, mesmo as na fase pré escolar, já são capazes de ler, ou seja, a seu modo, entender de que forma as coisas estão postas no mundo.

Trazendo uma concepção de criança e em consonância com as ideias de Paulo Freire, a Resolução que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil afirma em seu artigo 4º que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

A criança não é uma tábula rasa, depositária de conhecimento pelo adulto. Ela é um ser constituído e constituinte da sociedade e, por isso, deve ter suas vivências e interesses sempre levados em conta. Mais adiante, mostrando que o contato com os textos devem estar presentes desde antes do ciclo de alfabetização, a mesma resolução traz que:

Art. 9º- As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

(...)

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos (BRASIL, 2009).

Na pré-escola, o contato com os livros são geralmente mais frequentes, portanto ouvir histórias sejam na escola, em casa ou em qualquer ambiente se torna uma prática cotidiana. Sabemos que a leitura é muito mais que decodificação de palavras, desse modo, a criança usa de outros mecanismos para interpretar o que está vendo e ouvindo, ou seja, ela lê antes de saber ler. Esse sujeito é capaz de interpretar as imagens e fazer uma leitura destas, imaginar os personagens e os ambientes, participando daquele contexto, questionar o rumo daquela história tirando suas próprias conclusões, enfim, fazendo uma leitura sem o hábito mecânico de ler por ler (MARQUES, 2015).

A leitura literária deve ser apresentada para as crianças pois sobre elas podem ter um poder especial, pois há uma identificação entre o enredo, o imaginário, os cenários e a realidade da criança. A literatura desperta um campo de experimentações em que seus sentidos se tornam fontes de conhecimentos. O gênero literário, aliado à ludicidade, se torna uma riquíssima ferramenta de aprendizado e desenvolvimento tanto para a criança que escuta e participa ativamente, como para quem lê – o mediador. Segundo Candido (2011, p. 177) “a literatura concebida no sentido amplo (...) parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”. Ou seja, o contato com a literatura deve ser garantido a todos, já que colabora para a construção da cidadania.

Para que a criança tenha este contato com a leitura é necessário estabelecer condições para essa prática. Por isso a extrema importância de se pensar um ambiente convidativo e acolhedor, a escolha de livros que dialoguem com o interesse das crianças, histórias que interajam com sua realidade e uma biblioteca infantil de fácil acesso nas escolas.

As instituições de Educação Infantil devem oferecer para as crianças um ambiente alfabetizador que possa favorecer no seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, proporcionando contato com a leitura e a cultura escrita, realizando experiências dinâmicas com as crianças como: exposições de livros na sala de aula, visita à biblioteca, desenhos sobre os livros, proporcionando novas habilidades, além do prazer que encontram no conteúdo do livro (AMORIM; FARAGO, 2015, p. 148).

Além dessa estrutura é importante ressaltar o papel fundamental do mediador nessa inserção da criança no mundo alfabetizador. Adiante, iremos demonstrar as características da mediação e do mediador e sua influência na constituição de novos leitores.

### **3.1. O processo de mediação da leitura**

Se em outras etapas da educação a mediação é um *plus* no processo de apropriação da prática da leitura, na Educação Infantil esta é uma condição indispensável, visto que as crianças ainda estão tendo suas primeiras experiências no mundo letrado.

O contato com narrativas literárias não se restringe ao texto escrito, e geralmente tem início com os contos e as cantigas escutados pelo bebês desde o nascimento. À medida que cresce, a criança conhece o livro e vê as possibilidades de leitura aumentarem, por meio da mediação do professor e da família (MARQUES, 2015, p. 15).

Aqui, a palavra mediação tem o sentido de convidar à leitura, utilizando-se de amplas possibilidades com um único objetivo: fomentar na criança um desejo pela leitura, tornando-a um ser reflexivo e interativo. Em termos gerais:

A mediação da leitura caracteriza-se pelas relações dialógicas entre os sujeitos, o texto mediado e o ato mediador. É um diálogo constituído de múltiplas vozes e narrativas, de natureza dinâmica, flexível e crítica. Em forma de diálogo, a mediação pode ocorrer em diferentes formatos para públicos diversos em ambiências como bibliotecas públicas, escolares e comunitárias, centros culturais, livrarias, museus e teatros, apenas alguns dos espaços tradicionais de promoção da leitura. Ou mesmo em locais improvisados ou públicos como varandas, calçadas, condomínios, garagens, praças e parques (CAVALCANTE, 2018, p. 7).

Dessa forma, o interesse que deve ser despertado, que será gerado deve ser um forte guia do mediador, já que as palavras, frases, imagens e outras partes devem fazer algum sentido para quem está ali. Em uma contação de histórias, por exemplo, antecipar uma conversa ou no final deixar em aberto um momento para que as próprias crianças partilhem seus conhecimentos e histórias são atitudes que levam ao bom êxito na formação de leitores.

O processo de mediação da leitura exige um diálogo entre o “eu interior” e a forma como o outro é enxergado. Cavalcante (2018, p. 9), dá pistas de características que devem fazer parte de um mediador de leitura:

- a) Inicialmente, deve tratar-se de um(a) leitor(a), alguém que gosta de ler. É um(a) leitor(a) crítico(a), cujas experiências são partilhadas no processo de interação com o outro;
- b) Além da experiência de leitura, é necessário gostar de comunicar-se, de falar do que lê, compartilhar seus repertórios e afetividade;
- c) Percebe na mediação a possibilidade de mudança a ser realizada no cotidiano das pessoas, de modo que compreendam o espaço que a leitura ocupa em suas vidas;
- d) Compreende as diferentes fases pelas quais um leitor se constrói e se torna íntimo da leitura, sem exigências, deixando fluir, sem estabelecer juízos.

É através de um contato significativo e prazeroso com a leitura que o leitor em formação tem interesse em aprender, daí surge o desejo de ler e conhecer. Lembrando: o mediador não é o agente principal nesse meio, ele é a ponte entre o texto – verbal ou não - e a criança.

O mediador precisa conhecer seu público para que ele possa estabelecer as práticas que irão ser utilizadas, bem como os materiais necessários. É preciso que ele trace uma meta a ser alcançada para que as atitudes tomadas girem em torno disso. Escolher bem os livros, as imagens, o ambiente e a temática, por exemplo, levam o mediador a gerar as possibilidades que possam surgir entre a leitura e os ouvintes. No universo da Educação Infantil, existe uma gama de possibilidades para que esse seja um momento de diversão e intenso prazer.

Seja através de contação de histórias, histórias cantadas, com auxílio de fantoches, desenhos, brincadeiras cantadas, dentre outros, o momento de contato com a leitura deve estar em conformidade com aquilo que faz sentido para a criança. Nessa perspectiva, a mediação da leitura deve ser uma forma de propiciar às crianças a vivência de uma atividade lúdica.

#### **4. LUDICIDADE E MEDIAÇÃO DA LEITURA**

Embora quase sempre apareça atrelada ao conceito de brinquedo ou de brincadeira, a atividade lúdica não se resume apenas a essas categorias, tendo um sentido muito mais abrangente. Cipriano Luckesi (2002) fala que o que melhor caracteriza a ludicidade é o caráter de plenitude que ela oferece ao sujeito, podendo ser em um momento de alegria ou não.

O mesmo autor fala que “enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis” (LUCKESI, 2002, p. 25). Se não é para a criança estar realmente entregue em um processo, vivendo de forma inteira tudo o que é proposto, qual o sentido de submetê-la a certas vivências?

Tomando como exemplo um momento de contação de histórias, tal experiência pode, ou não, ser extremamente prazerosa para as crianças. Mais do que servir como receptoras da história contada, é essencial que elas se encontrem, tenham consciência plena do momento, possam abstrair tudo o mais que não interessa e conectem-se integralmente ao que ali está acontecendo. Elas devem desprender-se do mundo real e transportar-se para o mundo mágico apresentado pelo livro. É essencial que os pequenos usufruam esta atividade de forma lúdica. Do contrário, nada do que foi apresentado será apreendido pelas crianças e esse momento nada mais será que um tedioso processo ao qual elas foram expostas.

O lúdico tem um papel muito mais amplo e complexo do que, simplesmente, servir para treinamento de habilidades psicomotoras, colocadas como pré-requisito da alfabetização. Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira. (BACELAR, 2009, p. 24)

A experiência lúdica tem nela própria a sua finalidade, podendo esta ser porta de entrada para muitos outros processos educacionais. Nesse sentido, o(a) professor(a)/mediador(a) é figura essencial para que a criança tenha o ambiente ideal para esta vivência, sentindo-se acolhida e segura para uma entrega total à atividade. Há portanto o desenvolvimento, também, de uma relação de afetividade entre as partes envolvidas.

Pensar os momentos das atividades desenvolvidas na Educação Infantil como momentos potencialmente lúdicos, exige-se do professor uma capacidade crítica de perceber o dinamismo do que se está colocado e repensar o seu fazer pedagógico. Exige ainda uma relação de alteridade, onde ele enxerga a criança como um ser histórico e de direitos, com necessidades específicas e grandes potencialidades.

(...) na verdade, o importante para a vida da criança é poder se expressar, poder brincar pelo brincar, no momento presente, tomando posse de si mesmo, motora e psicologicamente. Viver o presente com a orientação e intervenção do adulto para dar suporte às suas necessidades é uma ótima maneira de viver intensamente as potencialidades, experimentando desafios de modo emocionalmente saudável para o momento seguinte. (BACELAR, 2009, p. 28)

De acordo com o pensamento luckesiano, só quem pode dizer de fato se o objetivo da ludicidade foi alcançado é o sujeito que a vivencia. Mesmo com todos os esforços do mediador para propiciar uma boa experiência, viver um momento lúdico é algo extremamente singular, que tem mais a ver com o que é sentido do que com o que é expressado. Ainda que tome isso como verdade, não deve o(a) professor(a) desencorajar-se na busca por proporcionar às crianças experiências que visem esta questão. Pelo contrário, deve tomar para si a tarefa de transformar todas as suas ações em potenciais agentes promotores de ludicidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos parece que proporcionar uma atividade de leitura na pré escola é algo que deve ser bem dosado: se for colocada somente com fins didáticos, foge do objetivo de desenvolvimento pleno da Educação Infantil, constituindo-se como um aligeiramento da alfabetização; se ela não

aparecer, a criança poderá não ter contato com seu uso social e assim não ter seu desenvolvimento pleno garantido. Fato é que, tomada as devidas proporções, a leitura deve estar presente, dialogando e ampliando a visão que as crianças têm do mundo.

O processo de mediação da leitura, embora deva ser tomado por diferentes agentes sociais, tem no(a) professor(a) um grande aliado, principalmente quando consideramos as condições socialmente precárias em que muitas crianças se encontram. Por isso, formar professores leitores, que realmente sentem prazer com essa prática é algo urgente e necessário se tomarmos o gosto pela leitura como primordial para nossos alunos.

A brincadeira proporciona uma grande troca de significados, onde a criança se abstrai do mundo real e passa a ver também sob a ótica do mundo inventado, subjetivo. A alfabetização também pode ser vista como um processo de troca de significados, onde as coisas concretas, usadas socialmente, passam a ser representadas simbolicamente pelas palavras. Mesmo sem pensar as atividades pré escolares como uma maneira de preparo para o ensino fundamental, o que tão bem faz a ludicidade se não aprimorar essa capacidade de abstração e ressignificação das coisas?

Entregar-se por inteiro, ser feliz, viver de forma plena os momentos, são coisas que as crianças fazem costumeiramente e que as caracterizam como tais. À escola e aos educadores não convém privá-las dessas realizações e sim proporcioná-las vivências que condizem e ampliem o que elas já fazem. Ver as crianças viverem tão intensamente esses momentos lúdicos é algo que deixa a nós, adultos, com aquele gostinho nostálgico dos tempos de infância.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Meire C.B.; FARAGO, Alessandra C. As práticas de leitura na Educação Infantil. *In: Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*. Bebedouro - SP, 2 (1): 134-154, 2015.

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB nº 5**. Brasília: MEC/CNE, 2009.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*: Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Mediação da leitura e formação do leitor. *In: Curso Formação de Mediadores de Leitura* / vários autores; organizado por Raymundo Netto,



Lidia Eugenia Cavalcante Lima; ilustrado por Rafael Limaverde. - Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.** Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas:** uma abordagem a partir da experiência interna, Educação e Ludicidade - Ensaios 02, GEPEL, Programa de Pós Graduação em Educação, FAGED/UFBA, Salvador, Bahia, n. 02, p. 22-60, 2002.

MARQUES, João V. Ler antes de 'saber ler'. *In:* **Letra A.** Belo Horizonte, outubro/novembro de 2014 - ano 10 - nº 40. p. 15.